
A cidade com humor: Sobral (CE) no programa de rádio “Sábado de todas as maneiras”¹

Claudiene dos Santos Costa²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Em Sobral (CE), o programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” utiliza a cidade como tema de seus quadros, tendo o humor como importante condutor da narrativa de suas cenas. Seu formato humorístico revela traços da cultura popular historicamente ligada ao Ceará, e ao tratar de lugares, costumes e habitantes reais gera pontos de identificação com o público. Utilizamos a metodologia de Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001) para observar o quadro “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, e percebemos que o rádio favorece a presença do humor por este combinar elementos da própria estrutura da linguagem radiofônica (MARTINS E SILVA, 2009), como a linguagem oral, instantaneidade e sensorialidade, além da ironia, metáfora e intertextualidade que favorecem a forma deste programa falar da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; humor; cidade; Sobral.

A CIDADE, DAS RUAS PARA O RÁDIO

Desde 1997 as ondas do rádio garantem a diversão nas tardes de sábado em Sobral (CE), a 230 km da capital Fortaleza. O programa “Sábado de todas as maneiras” é produzido e apresentado pelo sobralense Tupinambá Marques. Conhecido como Babá, ele atua como humorista na interpretação de todos os personagens que vão ao ar no programa. Sobral, suas cenas e habitantes são o foco do programa, tendo o humor como condutor de sua narrativa.

Tupinambá mora no bairro do Centro de Sobral, entre igrejas e casas quase centenárias, e mantém uma banca no Becco do Cotovelo, onde realiza gravação manual em objetos metálicos, como placas e alianças. Radialista profissional, ele obtém renda com a venda de espaços publicitários no “Sábado de Todas as Maneiras”, mas mantém o trabalho naquele espaço. Frequentar a movimentada viela é uma oportunidade de ouvir histórias de conhecidos e transeuntes que preenchem não apenas o imaginário da cidade, mas a cada tarde de sábado vão povoar também o programa.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), e-mail: claudiencosta@gmail.com

As cenas, pessoas e lugares mostrados no programa compõem, assim percebemos, uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006), distinta da memória histórica por ser diversa, múltipla. Ela é composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo, e mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens, permeada pela vivência do cotidiano e a sociabilidade.

Percebe-se que Babá observa lugares, pessoas e situações em Sobral com perspicácia. A atenção aguda, porém, não impede suas próprias sugestões para completar as cenas, compilando ou resumindo suas apreensões daquele microcosmos. Ele adquiriu o hábito de não gostar de viajar devido a longos períodos de internação hospitalar na capital do estado. Tendo o rádio como companheiro de adolescência, fortaleceu uma relação iniciada pelo pai, Francisco Marques dos Santos, o Marcos da Cruz, primeiro radialista na cidade.

No afeto percebido nos relatos de Babá, consideramos como ele entrelaça este sentimento de familiaridade com o meio radiofônico com sua memória, ao mesmo tempo em que seleciona e leva ao ar no programa a própria memória coletiva dos moradores da cidade. A memória (LE GOFF, 1994, p. 423) é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

Já a memória coletiva (HALBWACHS, 2006, p. 30) se distingue da memória histórica, pois enquanto existe uma única História, muitas memórias coexistem. Estas memórias, por sua vez, não são apenas individuais, sendo a forma de maior interesse para o historiador a memória coletiva. Ela é composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo, e mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens. Ao se focar em um repertório de histórias e personagens municipais, o humorista Babá Marques recorre a uma memória socialmente difundida, que é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de um grupo em sua (re)construção de si (POLLAK, 1992, p.5). Seu baú de casos se apoia em uma “memória coletiva suportada por conjunto de pessoas que se lembram como membros de um grupo ou de uma sociedade” (HALBWACHS, 2006).

A popularidade do “Sábado de todas as maneiras” pode ser vista em telefonemas

e mensagens, durante sua veiculação, enviadas por ouvintes da cidade, de fora dela, e até de outros estados e países, relatando estes serem sobralenses ou não. Há cerca de cinco anos o conteúdo produzido por Babá vem sendo replicado na Internet, com a transmissão do programa de rádio em sua página pessoal no Facebook (com mais de 5 mil amigos), edições completas disponibilizadas no YouTube, na página de seu produtor musical Ivo Aragão (mais de 4 mil inscritos), e piadas em postagens no Instagram (3,1 mil seguidores).

Neste artigo, trataremos especificamente de um dos quadros do programa, “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, por ser baseado em fatos da vida dos ouvintes, com citação de lugares da cidade e a apreciação do narrador, muitas vezes misturando ficção e realidade, a fim de gerar o riso do público. Utilizaremos como metodologia a Análise Crítica do Discurso, proposta por Norman Fairclough, onde o discurso é analisado num quadro tridimensional, como texto, prática discursiva e prática social. Assim, qualquer ‘evento’ discursivo, ou exemplo de discurso, é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. Na dimensão de ‘texto’, aponta-se a análise linguística de textos. A dimensão da ‘prática discursiva’ lança luz em quais tipos de discurso são derivados e como se combinam. A dimensão de ‘prática social’ cuida de questões de interesse na análise social, como circunstâncias institucionais e organizacionais do discurso, e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/ construtivos referidos anteriormente (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

A “SOBRALIDADE TRIUNFANTE”

Sobral (CE) surgiu como vila em 1773, originada de povoamento às margens do Rio Acaraú, na fazenda Caiçara. Atualmente sua população é de 205 mil habitantes (IBGE, 2017). É considerada a cidade mais desenvolvida da zona norte do Ceará, com seus cartões-postais de igrejas e casas tombadas, em 1999, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O uso de sua rede de ensino, saúde e assistência por cerca de 50 municípios faz de Sobral um polo para a região norte do Ceará, o que a faz conhecida como “Princesa do Norte”.

Quanto às etapas históricas de Sobral e os respectivos reflexos na cidade, Diocleide Ferreira (2013, p. 9) apresentou uma fase de impulsão da economia com a

criação de gado, e depois com o cultivo do algodão para exportação e suas indústrias de beneficiamento no século XIX. Estes fatos promoveram a organização política e urbana da cidade, seu destaque na região norte do estado, oligarquias que dominaram seu cenário, como a família de políticos Ferreira Gomes, e deixaram resquícios em sua arquitetura e práticas políticas ainda em voga.

Já Nilson Almino de Freitas fala da ideia de “sobralidade triunfante” como uma propagação de uma elite política e tradicional da cidade, por meio de uma memória coletiva que reverencia o passado de “pompa” e “glória”, discurso importante para justificar a necessidade da preservação do patrimônio histórico da cidade (FREITAS, 2005, p. 29). Baseia-se em um processo elaborado pela elite da cidade, direcionado para a construção de uma autoconsciência coletiva expressa em um discurso ufanista, no qual a memória se reúne numa mobilização de desejo pelo futuro promissor, tentando construir uma unidade ou constância no tempo vivido, projetando esta unidade como necessidade para gerações futuras (FREITAS, 2000, p.102).

Assim, a cidade é conhecida por sua “opulência e tradição”, com uma identidade ressaltada pela elite local que se envaidece da “memória do triunfo e riqueza do passado” (FREITAS, 2000, p. 30). O termo “sobralidade” ressalta a importância desta cidade e sua história a partir da construção de uma identidade de pertencimento e reconhecimento dos sobralenses como pessoas de relevante importância, que tem consigo o símbolo de nobreza.

A ideia da “sobralidade triunfante” é um recurso que todo e qualquer agente social, agregado a uma rede de relações amplas, prestigiosa ou não, utiliza para legitimar uma posição social e uma certa forma de entender a realidade, como é o caso do Prefeito do Becco do Cotovelo (FREITAS, 2005, p. 160). Este local peculiar é frequentado pelo produtor e apresentador do “Sábado de todas as maneiras” há quase 30 anos.

O Becco do Cotovelo é uma movimentada viela que liga ruas no centro comercial de Sobral. Sua peculiaridade começa já no nome de influência portuguesa, com dois “c”, que seria uma influência de Portugal. Poderia ter perdido esta nomenclatura em prol da língua normatizada no Brasil, mas como se viu no tópico acima, tende-se a valorizar aspectos que “enobrecem” a cidade. O local recebe frequentemente eventos como

gravação de programas de rádio, comícios, lançamento de produtos e de campanhas governamentais, e já foi tema de trabalhos acadêmicos e filmes³.

Possui uma prefeitura própria, que define suas ações e intervenções, a serem referendadas pela Prefeitura Municipal de Sobral, e a Associação dos Amigos do Becco do Cotovelo, iniciada em 1993, da qual Babá Marques é associado. O surgimento do Becco foi por volta de 1820, para facilitar o acesso de pedestres entre as irregulares ruas que primeiramente foram se delineando no Largo do Rosário, onde atualmente está situado a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Entrou para o mapa oficial da cidade em 1842.

Atualmente é o endereço de bares, lanchonetes, papelarias, loterias, vendedores ambulantes, estúdios de fotografia e bancas, além do tradicional Café Jaibaras, com o Livro de Assinatura de visitantes ilustres e recortes de jornais sobre sobralenses de destaque em diversas áreas.

O PROGRAMA DE RÁDIO “SÁBADO DE TODAS AS MANEIRAS”

Cada edição do “Sábado de todas as maneiras” ocupa cerca de duas horas e meia, a partir das 16h de sábado, na FM Paraíso 101.1. A emissora é uma das onze rádios de Sobral, dentre 208 concessionadas pela Anatel no estado do Ceará⁴. Conforme a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (Abert)⁵, o setor de rádio no Brasil, em abril de 2013, apresentava 4.619 emissoras de rádio comercial; 466 rádios educativas e 4.504 rádios comunitárias, perfazendo um total geral de 9.589 emissoras de rádio.

O “Sábado de todas as maneiras” tem seu conteúdo intercalado entre locuções ao vivo feitas por Babá Marques, quando há interpretação de personagens e participação de ouvintes, e quadros gravados em estúdio. Intercalados com vinhetas instrumentais, que

³ O documentário “Becco do Cotovelo”, de Eduardo Cunha e Pedro Cela, foi vencedor do prêmio Primeirolhar 2016 nos XVI Encontros de Cinema de Viana de Castelo (Portugal). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Jicc1lohkQg> Acesso em 30junho2018. O documentário “A poesia é um saco!”, de de Luís Lima, também se passa no Becco. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=An_u8PyqA6U Acesso em 30junho2016.

⁴ Guia da Associação Cearense de Rádio e TV 2014 / 2015. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/0011051530a0b20afb0c1> Acesso em 6 de março de 2017.

⁵ Página da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – ABERT. Disponível em: <http://www.abert.org.br/web/index.php/dados-do-setor/estatisticas/radiodifusao-licencas-e-outorgas#> Acesso em 23 de novembro de 2017.

lembram um dinamismo lúdico do rádio antigo, os quadros vão se desencadeando junto a inúmeras vozes feitas por Babá ao vivo ou em gravações, que no momento da veiculação do programa são orquestradas pelo operador de som Ivo Aragão.

São cerca de quinze quadros fixos. Entre diversas vozes e personagens que Babá interpreta (ele conta que são mais de cem), os quadros têm a apresentação capitaneada por Fabíola e Bartolomeu. Mesmo quando os ouvintes escrevem ou falam pessoalmente se dirigindo ao Babá, eles se referem à dupla na terceira pessoa, e assim o radialista corresponde ao chamado, mudando imediatamente a voz, e se apresentando em shows como os personagens, com vestimenta e maneirismos definidos.

Entre os quadros permanentes estão “Ôh bicho besta é gente!”; “Curiando a vida dos famosos e quase-famosos”; “O que Sobral tem de mais ou menos”; “Ôh aperreio”; “Me engana que eu gosto”; “Deputado Alfonsão”, com seus comícios fictícios na casa de moradores reais; “Quem você joga no Rio Acaraú”, entre outros. “Tudo o que eu vejo, eu vejo sempre uma coisa do lado humorístico no meio. (...) Humor tá na veia já”, conta.

O HUMOR E A “CULTURA MOLEQUE CEARENSE”

Situamos o humor desenvolvido no programa numa característica ligada ao estado do Ceará, com marcos iniciais antigos e nuances diversas, conforme investigado por Francisco Secundo Silva Neto (2009) nas circunstâncias social e histórica de uma “molecagem cearense”. Este aspecto é bastante explorado pelo turismo estadual, em peças publicitárias que se iniciam na recepção do aeroporto na capital, Fortaleza, seguem em roteiros de eventos para turistas com humoristas cearenses, e cresce a cada leva de artistas do Ceará que atua em shows e programas televisivos nacionais, como Tom Cavalcante, Tiririca, o sobralense Renato Aragão, e Chico Anysio, falecido em 2012, com mais de 50 anos de carreira.

Apesar de o rir e o fazer rir serem fenômenos de natureza plural, com diversidade de explicações, variáveis em cada sociedade e época, para que isso ocorra é necessário conhecer o sistema simbólico do grupo ou sociedade em que vive. Ou seja, o humor e o riso só se instalam ou conquistam espaço na medida em que há mútua identificação de códigos, sentido este simbolicamente compartilhado entre os membros de determinada organização societária. Além disso, a afirmação de pertencimento ou uma reivindicação de filiação de qualquer pessoa a um grupo, sociedade ou cultura está ligada a uma

simbolização que é coletivamente compartilhada.

Inicialmente, a criação e manutenção desta “cultura moleque cearense” deveu-se a uma persistente valorização de perspectiva modernista do que é “popular” e às suas mais recentes apropriações artístico-culturais e turísticas. “Ser moleque” hoje no Ceará, afirma Silva Neto, é sinônimo de ser brincalhão, gaiato, “fulêro”, irreverente, mas, também, de ser indecente, desbocado, imoral. Desde por volta de 1970 a “molecagem dos cearenses” tem se tornado uma afirmação positiva de identidade local. Este aspecto serviu de base para a proliferação de humoristas neste estado do Nordeste brasileiro, o qual como os outros desta região, até poucas décadas atrás, carregava a imagem nada positiva do flagelo e da miséria provocadas pelas secas.

No estado do Ceará, o que é chamado de “humor moleque” esteve e está estreitamente ligado com a noção de “popular”, um “humor do povo cearense” ou, em uma “ótica classista”, “o humor do povão”, do “populacho”, daquele emaranhado de gente posicionada nas bases da pirâmide social da sociedade cearense.

O “Ceará moleque” seria a expressão cultural de um povo, seria uma manifestação do “popular-local”, o qual se constrói na sua relação com o “popular-nacional”, nas vicissitudes de divergências e aproximações entre periferia e centro. Todavia, dentre as tradições de pensamento ilustradas por Ortiz que unificaram o popular e o nacional, o “popular-local” na ideia de “molecagem cearense” é maiormente filiada, ainda hoje, àquela concepção que opta por conservar as coisas do povo, mesmo que também sofra a influência da mercantilização dos bens simbólicos em um país moderno, industrial e urbano e se torne elemento de uma “cultura popular de massa. (SILVA NETO, 2015, p. 12)

A exata expressão “Ceará moleque” começa a aparecer em obras literárias no final do século XIX, sendo posta em circulação inicialmente entre os letrados, como uma opção que valoriza o popular e que tem ligação na história das artes e produção cultural do país com as correntes pré-modernistas e modernistas que enxergaram no “povão”, na população mais empobrecida o cerne ou a essência da nação. O “humor moleque” vem identificando tanto as práticas não civilizadas do populacho como as ações curiosas e anedóticas da vida de intelectuais ilustres e cheios de molecagens – gente civilizada e moleque, ao mesmo tempo.

Como se percebe uma nostalgia, uma homenagem de Babá aos tempos passados na cidade e na forma de apresentá-la, com referências às décadas passadas do rádio

através do tom de vinhetas e locuções, convém abordar mais alguns aspectos do uso do humor no rádio.

FAZENDO RIR NO RÁDIO

Sobre o rádio, meio utilizado por Babá Marques para veicular o “Sábado de todas as maneiras”, convém destacar de suas peculiaridades o imediatismo e a mobilidade da informação radiofônica (ORTRIWANO, 1985). Para a autora, o rádio é o mais privilegiado dos meios de comunicação de massa pelas suas características intrínsecas, que são: a linguagem oral, a penetração, a mobilidade, o baixo custo, o imediatismo, a instantaneidade, a sensorialidade e a autonomia. Ela classifica as transmissões informativas em flash, edição extraordinária, especial, boletim, jornal, informativo especial e programa de variedades, sendo este último onde situamos nosso objeto de pesquisa.

Entre os elementos da linguagem radiofônica, Ferraretto (2011) cita a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, isolados ou combinados entre si. Além disso, a linguagem no rádio não está restrita à oralidade, mas é fruto de uma interação modificadora entre a palavra falada, a música, o silêncio, os ruídos e os efeitos especiais. É neste meio que Babá interpreta os diversos personagens que vão ao ar contando as histórias da cidade, aproveitando-se do imediatismo para inserir assuntos da semana e ouvintes que pedem para participar dos causos contados, deixando mensagens em suas redes sociais ou telefonando para a Paraíso FM.

O humor foi levado ao rádio a partir dos anos 1930, acompanhando o advento da indústria fonográfica, do cinema sonoro e com a implantação do sistema radiofônico no Brasil. “Muitos dos que já produziam humor em jornais e revistas passaram a utilizar também o rádio, unindo criações humorísticas e musicais” (MARTINS e SILVA, 2009, p. 302). No Ceará nos anos 50, a criação de personagens copiava os tipos regionais, como o caipira, o nordestino, o estrangeiro, e este mesmo estilo de humor serviu de modelo para o que seria posteriormente feito na TV.

Interpretar personagens em radionovelas fez comunicadores acumularem prestígio. O elenco de ouro do rádio, além da expansão do radioteatro e dos programas de auditório fizeram o rádio cearense viver seu grande momento, em 1950. A pioneira, Ceará Rádio Clube, havia sido fundada em Fortaleza nos anos 1930. Após o surgimento da TV,

o rádio passou por uma crise nos anos 1960, pela expansão da indústria fonográfica e atribuição, ao público do rádio, do status de categoria de baixa renda. Com o surgimento das FM, nos anos 1970, o rádio voltou a se dirigir também a uma audiência classe média, com uma linguagem voltada para o público jovem. Surgiram no rádio FM programas atraídos por um estilo de humor que utiliza a crítica, a bizarrice e, muitas vezes, o apelo pornográfico. Muitos seguem o estilo de criação de personagens, e outros encarnam a própria figura do “locutor-comunicador-humorista” (MARTINS e SILVA, 2009, p. 307).

Por estar a palavra sonora condicionada à escrita, a imagem atrelada à oralidade radiofônica foi, durante muito tempo, formal e contida, para denotar objetividade, neutralidade, confiança e autoridade, sobretudo na era de ouro do rádio, com os locutores vestidos com roupas de grife. Babá Marques comenta que assim seu pai se portava, e observo que ele se veste, na maioria das vezes, de roupa social quando está apresentando o programa. Conferi isso nas edições do programa transmitidas ao vivo no Facebook e disponibilizadas no You Tube.

O rádio, então, favorece a presença do humor por combinar bem com os elementos que compõem a estrutura da linguagem radiofônica: linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia, e ainda a mensagem sonora composta pela palavra, música, ruído ou efeito sonoro.

“CURIANDO A VIDA DOS FAMOSOS E QUASE FAMOSOS”

Na primeira metade do “Sábado de todas as maneiras”, Babá Marques interpreta, na voz da personagem Fabíola, o quadro "Curiando a vida dos famosos e quase famosos". Ele lê ao vivo o que escreveu em casa durante a semana, narrando ocorridos verídicos, fictícios, ou baseados em fatos reais adaptados a fim de gerar comicidade. As pessoas citadas são seus ouvintes assíduos, percebidos em edições anteriores do programa que acompanhamos, e encontrados também nas mensagens deixadas nas páginas que o radialista mantém no Facebook e Instagram. Os lugares são reais, na cidade de Sobral e seus distritos, e a voz feminina de Fabíola interage com vinhetas nas quais Babá interpreta personagens diversos. Por ser lido ao vivo do estúdio, permite que ele interaja com a única pessoa presente no estúdio de rádio, o operador de som Ivo Aragão. O radialista contou que o quadro teve como mote programas de rádio e TV que falam de pessoas famosas.

Num formato que pretende se assemelhar a uma coluna social, iniciando-se com o anúncio “o quadro que vai dizer sobre a vida dos famosos e quase famosos”, Babá tece uma lista de pessoas e seus feitos recentes, assim como publicações de entretenimento contam flagrantes de celebridades, flagradas em lugares diversos, por vezes requintados. Neste artigo, o foco é no quadro veiculado na edição de julho de 2016, período selecionado para estudo quando se iniciou este projeto de pesquisa.

Bom, gente, a partir de agora o quadro que vai dizer sobre a vida dos famosos e quase famosos. (Sobe a trilha... Baixa a trilha, pelo amor de Deus.). Olha aqui a primeira, Ivo, olha aqui: quem esteve passando o final de semana passado fora foi a nossa amiga Renides Brasil, da Santa Casa. Renides foi com a família conhecer o açude Ipaguaçu-mirim. Renides foi com a família e cada um levou uma câmara de ar de Volks pra tomar banho no fundo!! Olha, só quem pode... Ipaguaçu-Mirim, Ivo! (Conheço não, conheço não) Menino, a Renides da Santa Casa, uma loirinha bem coisadinha, gente boa que só. (Essa aí não tá na mída, não, viu?) Menino, a Renides da Santa Casa... (Conheço, conheço) Ah, sim... Ainda bem. (Peraí, como é o nome dela, como é?) Renides! (Não, não é essa aí, não). Menino, a Renides Brasil é conhecidíssima. (Isso aí é uma lisa réa). (Ôh, meu Deus, é difícil, é difícil). Tá certo. Olha aqui: a nossa ouvinte Socorro Gomes, que mora perto do Alto do Sossego, passou o fim de semana que passou no Caioca. A mesma foi participar de um bingo de um assado e um guaraná de 2 litros. Humm!... (Essa daí?) Sim. Só quem pode!, olha. A Socorro Gomes foi participar de um bingo dum guaraná de dois litros e... o quê, menino: Um assado. Olha, menino! (Ei, ei, ei. Diga. Por que tanta gente que ninguém conhece aqui, rapaz? Diabéisso aí? Quem é esse povo?) A Socorro... Olha, diabo, pelamor de Deus, lá perto daquele colégio Netinha Castelo. (Conheço não, conheço não). A Socorro Gomes? A rainha do Caioca? (Desde quando?) Ave, Maria. Olha essa aqui, Ivo: quem se prepara para passar o final de semana em Fortaleza e conhecer o mar é a nossa amiga dra. Daniele Menegotto, fonoaudióloga da Vila Clinic. Ela vai com o esposo Cleomar e filhas. Ôh povo pra luxar! (Ei, dá pra falar de novo, dá?) Dá, sim. Olha, quem se prepara para passar o final de semana em Fortaleza e conhecer o mar é a nossa ouvinte dra. Daniele Menegotto, que é fono da Vila Clinic. Dra. vai com seu esposo Cleomar e as filhas. Ôh povo pra luxar. (Ei, me diga uma coisa. Vocês conhecem esse povo de onde, hein?) Da Vila Clinic. (Pois eu nunca ouvi falar de nenhum deles aí, não). Ave, Maria... Sinceramente... Pois olha aqui: Ivo, quem está pensando em atualizar seu perfil no Facebook, no Instagram e no Whats App é a nossa ouvinte Claudinha Moreno. Claudinha passou dias na região do Cari... ré. Só quem pode, hein, Claudinha! (Conheço, conheço). Conhece a Claudinha? (Peraí, como é o nome dela?) Claudinha Moreno. (Não, não é essa aí, não. Essa aí é uma lisa réa.) Menino, ela tá aqui na região do Cari... ré, menino. (Na minha mente, a Hozana é mais conhecida que essa aí.) Olha aqui, Ivo: Quem esteve comprando uns baldes no mercado no primeiro piso foi a nossa ouvinte Albertina Mont´Alverne. Albertina estava também com um saco de alpiste para os galo campina. Olha! (Minha filha, por que é que você

não bota gente nesse quadro que a gente conhece? Pelamor de Deus! Não faça isso, não. Esse povo ninguém conhece, não.) Peraí. A Albertina Mont´Alverne, do Supletivo? (Conheço não, conheço não). A Albertina, aquela loirona? (Nunca ouvi falar, ó?) Ah, meu Pai. Quem andou conhecendo o North Shopping Sobral ontem foi o nosso amigo dr. Antonio Lopes. Olha! Deu o maior valor. Tá podendo, hein, dr.? (Desde quando esse aí é famoso, hein?) Peraí, dr. Toin Lopes? (Ei, ei, esse aí é famoso, é?) O Antonio Lopes, é. (ôh, minha filha, me diga uma coisa pelamor de Deus, quem é esse povo que você tanto fala?) Escute, olhe, o Antonio Lopes é irmão da Marília. (Esse aí é o famoso quem mesmo?) Dr. Antonio Lopes. (Nunca ouvi falar) Ave, Maria... Olha aqui: quem foi vista visitando o primeiro piso do Mercado Central na manhã de hoje foi a nossa amiga chiquíssima professora Ana Emília, da Escola Profissional. Ana Emília estava comprando um CD pirata do Pinduca. Aí se garante. (Peraí, essa aí é a famosa?) Menino, a Ana Emília, aquela loira. (Quem é essa bichinha aí, quem é?) A Ana Emília! (Nunca ouvi falar) Ave, Maria, conhecidíssima! (Risos) Então, gente, esse quadro volta no próximo sábado. Fui! (trecho do “Sábado de todas as maneiras” veiculado em 23 de julho de 2016, e disponível no YouTube).

Considerando a Análise Crítica do Discurso, o “discurso” é visto como o uso de linguagem numa forma de prática social, e não como atividade puramente individual. Isso implica ver nele um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Em segundo lugar, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social. Isso também sugere que os sujeitos sociais constituídos são capazes de “agir como agentes e, entre outras coisas, de negociar seu relacionamento com os tipos variados de discurso a que eles recorrem” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 87).

Vemos que as narrativas do radialista Tupinambá Marques sobre a cidade de Sobral não são exatamente próprias dele, mas como ele mesmo ressalta, vêm das pessoas se situações de seu cotidiano. Destacamos aí a intertextualidade, que segundo Fairclough é a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados e que o texto pode assimilar, contradizer, ecoar ironicamente.

Observamos ainda o uso da ironia e da metáfora no quadro analisado, empregadas para gerar o riso. Descrita em estudos tradicionais como “dizer uma coisa e significar outra”, a ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 159). Esse reconhecimento pode ser baseado em vários fatores como a falta de combinação entre o significado aparente e o contexto situacional; ou indicações no tom

de voz do(a) falante ou no texto escrito; ou pressupostos dos intérpretes sobre as crenças ou os valores do(a) produtor(a) do texto. A metáfora, por sua vez, aparece como uma forma de estruturar o modo como pensamos e agimos, nossos sistemas de conhecimento e crença.

No trecho transcrito do “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”, temos a abertura “quem esteve passando o final de semana passado fora foi”, e o fechamento da história se dá com “foi com a família conhecer o açude”, o que gera riso ao apresentar contraste entre o anunciado e o revelado. Babá enaltece como um grande acontecimento no fim de semana de uma amiga o passeio a um açude numa localidade. O tom cômico está em narrar numa espécie de coluna social o pequeno deslocamento da pessoa citada, que certamente tenha sido fictício, a um local simples e próximo de Sobral.

Identificamos o açude como sendo o do distrito de Ipaguaçu-Mirim, pertencente ao município de Massapê, a 20 km de Sobral. Com uma população de 35 mil habitantes, Massapê tem o porte bem menor que Sobral e se remete a ela como polo da região. Era de se esperar de um quadro de “famosos” que os moradores realizassem feitos como viajar para longe e para cidades maiores e mais turísticas, mas Babá brinca ao inverter essa lógica de valores, gerando risada em quem conhece os lugares citados e se diverte entendendo o cerne das piadas.

Na segunda história, conta-se sobre uma ouvinte que mora em determinado bairro de Sobral e foi passar o fim de semana na zona rural, no distrito de Caioca. Novamente a citação sobre divertir-se na zona rural é alçado à condição de grande feito, acrescido ao pitoresco “bingo”, cujos prêmios são itens de valor comum, encontrados em mercearias: um galeto assado e um refrigerante. Para evidenciar que ela é, sim, famosa, o radialista cita a escola pública onde ela trabalha.

Na terceira história, Babá narra a ida a Fortaleza de uma profissional da saúde, em passeio com a família. Apesar de ser um percurso de 230 km, a comicidade em exaltar isso está no fato de que o deslocamento de sobralenses para a capital do estado é realizado corriqueiramente, com linhas de ônibus a cada uma hora, e diversos moradores de Sobral ou Fortaleza que fazem esse deslocamento semanal e até diário, para fins de estudo e trabalho. Babá brinca ainda com a sugestão de que a moradora iria “conhecer o mar”, feito cercado de magia para quem mora em cidades que não têm faixa litorânea, o que é o caso de Sobral. Para confirmar que ela é amplamente conhecida, o apresentador fala da clínica onde ela trabalha, no centro da cidade.

A quarta ouvinte inclusa no quadro tem uma viagem associada ao fato de trocar as fotografias de seus perfis em redes sociais na Internet. No entanto, Babá faz um pouco de suspense ao ler o nome do local, que se inicia por “Cari...”, sugerindo para o público, por exemplo, pensar na palavra Caribe. Porém, ele completa o nome como “Cariré”, que diferente do famoso destino internacional, trata-se de uma cidade a cerca de 40 km de Sobral, com 18 mil habitantes e facilmente acessada por linhas diárias de transportes alternativos, como vans.

Outras duas ouvintes são citadas como tendo sido vistas no Mercado Central, um espaço com imóveis e barracas de comerciantes de produtos diversos, desde vestuário a equipamentos eletrônicos e alimentação, ocupando vários quarteirões no bairro do Centro, e considerado de apelo popular, pela variedade e simplicidade de produtos e preços.

Em contraponto ao mercado popular, um ouvinte é exaltado por ter sido visto no shopping da cidade. Inaugurado há três anos, o primeiro e único empreendimento do ramo naquele município é tido como um local de frequentadores de alto patamar e mexe com o imaginário local, já que, assim como a circulação das mercadorias define formas de uso da cidade e produz inovações definitivas no espaço público. Para quem mora em Sobral e conhece pelo menos em parte os lugares citados, é facilmente identificada ironia ao chamar de luxo alguém que foi visto fazendo compras no Mercado Municipal, visto que se trata de um local popular, de fácil acesso, sem requintes, acentuando-se a contradição por citar “só quem pode!”, “que luxo!”, e o fato dos utensílios serem de baixo valor financeiro, como baldes ou cópias falsificadas de discos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do “Sábado de todas as maneiras” não ser um programa jornalístico, o imediatismo e a instantaneidade que marcam o rádio, trazendo o mundo ao ouvinte enquanto os acontecimentos estão se desenrolando, são necessários ao contar as histórias, ao interagir com ouvintes e transformar cada contribuição num ingrediente que favoreça o andamento. “Ao mesmo tempo em que uma piada é cuidadosamente elaborada, sua transmissão deve seguir os mesmos cuidados, sob pena de pôr em risco o efeito cômico” (MARTINS e SILVA, 2009, p. 310).

Na interação com ouvintes, Babá se mostra ágil e inspirado. A impressão que se tem no rádio, de que no momento da escuta há uma conversa a dois, é real no “Sábado de todas as maneiras”, já que as mensagens são lidas em tempo real pelas redes sociais e telefone celular do apresentador. Elas ensejam novas piadas e confirmam outra característica do rádio, a autonomia de executar outras atividades enquanto ouve o programa, amplificada esta possibilidade por ser a Rádio Paraíso FM, emissora do Sábado de todas as maneiras”, sintonizável nas áreas vizinhas à Sobral, e ainda a transmissão simultânea pelo Facebook. Ouvintes relatam ouvir o programa a partir de Fortaleza, Cascavel, Rio de Janeiro, Curitiba, Buenos Aires e Portugal, entre outros lugares.

Acentuamos aqui, como pontua Kischinhevsky, a ênfase não apenas no conteúdo compartilhado ou etiquetado nas redes sociais, na relação do ouvinte de rádio com respectivo programa, mas sim na lógica que rege estas práticas, sendo estas “auxiliares na constituição de identidades e de teias de afeto entre os usuários/interagentes do serviço, sujeitos que constroem sentidos (em diversas camadas) a partir das (múltiplas) condições de recepção e apropriação” (KISCHINHEVSKY, 2014, p. 157).

Promover um riso fácil e despreocupado, no qual o próprio ouvinte também assume o papel de mediador desse humor moleque, que incita à distração e ao entretenimento, seria a roupagem dos programas humorísticos radiofônicos no século XXI. Não se configura crítico e, sim, circunstancial, no qual a junção da palavra com o efeito sonoro incita ao riso. Por não haver uma formalidade ou uma sequência que obrigatoriamente tenha que ser seguida, a brincadeira é a tônica dos programas que seguem com naturalidade (MARTINS e SILVA, 2009, p. 310). No entanto, Babá afirma que o “Sábado de todas maneiras” insiste na crítica à cidade de uma forma construtiva, ou, como diz uma de suas vinhetas, “um programa inteligente para um público inteligente”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coordenadora de tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. In: MOREIRA, Sônia V. (org.). **70 anos de Radiojornalismo no Brasil (1941-2011)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

FERREIRA, Diocleide Lima. **A (re)invenção de uma cidade: Cid marketing e a requalificação urbana em Sobral-CE**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

FREITAS, Nilson Almino de. **O Sabor de uma cidade: Práticas cotidianas dos habitantes de Sobral**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE.

_____. **Sobral - Opulência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KISCHINHESVSKY, Marcelo. **Compartilhar, etiquetar: interações no rádio social**. PPPGCOM – ESPM, Comunicação, Mídia e Consumo. 2014. Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/371/pdf> Acesso em 25 julho 2018.

KISCHINHEVSKY, M. e HENRIQUES, Pedro Rêgo. **“O que é bom é para sempre”? Memória afetiva e (re)construção de marca de uma FM musical**. In: X Encontro Nacional de História da Mídia – Alcar 2015, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-sonora-1/201co-que-e-bom-e-para-sempre201d-memoria-afetiva-e-re-construcao-de-marca-de-uma-fm-musical/at_download/file Acesso em 25 julho 2018.

LAUREANO, Antonia Maria Rodrigues. **Gênero e política: etnografia visual no Becco do Cotovelo**. 2016. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza – CE.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1994.

MARTINS, Ticiania Lorena Acosta; SILVA, Erotilde Silva. **O riso no Brasil: o caminho para a gargalhada radiofônica**. In: História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil. Klöckner, Luciano e Prata, Nair (org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

ORTRIWANO, Gisela S. **A Informação no Rádio, os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PIMENTEL, Cristiane M. S. **A Educação está no ar: a Comunicação Pública no programa Jornal da Educação da Rádio Universitária FM**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, 1992.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista – mercadorias e cultura urbana**. Tradução de Monica Stahel. 1ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SILVA NETO, F. S. **A gênese da “cultura moleque cearense”: análise sociológica da interpretação e produção culturais**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- CE.

_____. **O "Ceará moleque" dá um show: da história de uma interpretação sobre o que faz ser cearense ao espetáculo de humor de Madame Mastrogilda**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza- CE.

YOU TUBE. Sábado de todas as maneiras, 23 de julho de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sHtrQwG1FCg> Acesso em 21 janeiro 2018.